

Minhas máscaras podem ser a matéria-prima das suas. A mentira criada. As máscaras, porém, também são um abre-alas para os enigmas que nos fazem entrar na cultura e movimentam a lucidez de nossa consciência.

É a palavra como isca para a pesca milagrosa. Você pode pôr em carne viva minhas lembranças, mentiras, medos, ansiedades e desesperos. Minha história transformada em palavras pode funcionar como um espaço para o reconhecimento (e as sucessivas aproximações) das várias interrogações abusivamente negligenciadas sobre o poder, seus arredores do saber e as práticas pedagógicas instaladas como garantia.

Minhas lembranças e emoções empregadas para denunciar que as funções vitais das universidades são a de mascarar a censura oficial, fingindo verdades e negligenciando afetos.

Como superar isso, sem criar novos simulacros? Um passarinho pode querer ter asas de água.

Entretanto não podemos esquecer que a consciência se constitui pela luta contra a desordem insuperável dos enigmas, contra os limites da razão (garantidos pelos enigmas que asseguram a desordem das idéias). Vamos à luta.

Continuação...

31 de dezembro de 1984. Como Winston, resta-me um pingo de hálito para sonhar a democracia. A profecia de Orwell está cumprida. O cotidiano está militarizado. Sistemas inteiros foram criados para pensar por nós; no centro do saber e do desejo, está o Estado.

Tenho fé em 1985. Esperemos que, na era de Aquário, possamos fazer do espaço público um lugar sem botas.

São 23 horas e 30 minutos. Vou deitar-me. Não adianta esperar.

As vozes silentes deste texto

AMADO, Jorge – Alaugnier – Bachelard – Bakhtin – Barthes – Benjamin – Borges – Breton – Castoriadis – Cortázar – DA MATTA, Roberto – Dostoiévsky – Freud – Guattari – Lefort – LISPECTOR, Clarice – MARINHO, Ligia Maria – MELLODY, Pia – Morin – Orwell – Osho – Perrone-Moisés, Leyla – SANT'ANNA, Afonso Romano.

MANIFESTOS PARA UMA ECOLOGIA DO DESEJO *

I

Juntar o Direito à poesia já é uma provocação surrealista. É o crepúsculo dos deuses do saber. A queda de suas máscaras rígidas. A morte do maniqueísmo juridista. Um chamado ao desejo. Um protesto contra a mediocridade da mentalidade erudita e, ao mesmo tempo, um saudável desprezo pelo ensino enquantado ao ofício. É recriar o homem provocando-o para que procure pertencer-se por inteiro, para que sinta uma profunda aversão contra as infiltrações de uma racionalidade-culposa e misticamente objetivista, convertida em "gendarme" da criatividade, do desejo, assim como de nossas ligações com os outros.

A poesia possibilita-lhe isso. Traz em si a visceral compreensão das limitações que padecemos, colocando em evidência a ordem artificial e mortífera de uma cultura impregnada de legalidades presunçosas. Ela pode servir para despertar os sentidos e os desejos soterrados e desencantados por séculos de saberes, preocupados, estes, em garantir todo e qualquer tipo de imobilismo. Praticando a poesia, teremos a possibilidade de fazer triunfar o desejo sobre o bom senso e os bons sentimentos, deixando-nos, assim, sem ouvidos para os chamados valores nobres e verdadeiros, aqueles que sacralizam, com civismo, o amor ao poder. É o desejo destruindo de um só golpe os *Deuses e os Patrões*. É a semente da subversão onde menos se espera encontrá-la: a lanterna mágica do desejo.

A poética surrealista tenta explodir as marcas de um cotidiano confortista e escravizado por uma maneira de pensar, simultaneamente puritana, consumista e *Logomaniáca*.

Proporciona, também, uma salutar abertura para a exploração de todas as formas de expressão que o racionalismo dominante conseguiu enclausurar numa reserva chamada absurdo. O surrealismo as reivindica como a placenta

* Publicado em São Paulo: Editora Acadêmica, 1990.

da criatividade. Uma reação vital à sensatez inerte. Uma manobra para tentar corroyer o monopólio de uma razão que propaga a submissão: saberes feitos de lugares comuns e falsos tesouros com os quais, por esquecimento de nossa singularidade, naturalmente concordamos.

Para o surrealista, o absurdo não tem uma conotação pejorativa: é a forma de protesto que se opõe ao jogo do coerente, do lógico e do demonstrado, categorias empregadas como critérios incontrovertíveis de verdade nos grandes relatos que a ciência produz para imaginar o mundo.

No surrealismo, o absurdo reitera a necessidade de múltiplas compreensões do mundo. O absurdo surrealista é uma saída espontânea para procurar a voz humana no meio dos poetas, no meio dos desejos.

Declarar, afirma Breton, que a razão é a essência do homem, já é dividi-lo em dois, coisa que a tradição clássica nunca deixou de fazer. Esta, acrescenta, distinguiu no homem o que é razão, e que, por isso mesmo, é verdadeiramente humano, e o que não é razão, e que, por este fato, parece indigno do homem: instintos, sentimentos e desejo. Um corte mortalmente perigoso e onipotente que o surrealismo pretende surpreender em suas faltas, chamando a poesia.

Valendo-se da poesia, o surrealismo mostra sua firme intenção de derubar as margens estreitas do racionalismo, sacudindo-nos, ao mesmo tempo, para que despertemos de nossas ilusões e dependências em relação a todas as convenções vigentes.

Invoca o sonho, a magia de um olhar supra-real sobre o mundo, para procurar uma nova ordem de valores, sem ouvidos para os eruditos.

Não se pode falar de supra-realidade, senão como sonho. Os sonhos são sempre surrealistas. Eles fazem acordar o desejo, mostrando-lhe como a razão (imposta pelos profissionais do saber) os asfixia.

Os sonhos, longe do que nos pode parecer, mostram que também existem ilusões, negativas e cansadas, numa razão que pretende ser realista. Elas levam em suas costas todo o cansaço do mundo, servindo, sem escrúpulos, aos senhores da safomania.

As classificações, os lugares atribuídos pela ciência para o mundo e os desejos são também tentativas de conserto, um enclausuramento a tudo o que por sua natureza não admite gaiolas. Em contraposição, os sonhos surrealistas mostram as razões que a razão instituída ignora; isto promove as lutas dos postos, desarraigados e enraizados onde cada um assume a verdade de sua vida e seu fervor. É a fantasia no lugar dos fantasmas.

O sonho (como poesia encantada) é um espaço de criatividade sem censuras: gestos, imagens, desejos sem vigias nem tiranias. É um modo de expressão-vacinada contra o poder e os poderosos, contra a teia de aranha que forma, em um vendaval de imposições, medos e dependências, o homem resignado.

O surrealismo propõe um sonho diurno e nos convida a ser a penélope que destece de dia para ser fiel a si mesma.

É a revolução pela autonomia da arte. A revolução pelo sonho transformado em atos pedagógicos que incitam micro-revoluções. Assim, a revolução surrealista encara o sonho como possibilidade de descolonizar a imaginação. Por aí passa a procura de uma declaração surrealista dos direitos do homem: a declaração universal dos direitos do desejo, do direito à criatividade, do direito de sonhar.

O sonho poético faz do sentimento uma revolução e dessa forma subverte a tolice-vital, essa evasão da vida que a arte deve expurgar.

A maior revolução é a de recuperar a vida no desejo, sentindo o mundo em nós e nos outros. Com farta frequência, a vida passa, para os homens, em brancas nuvens, tendo por único incômodo de sua existência uma debilitante nostalgia.

O assédio das sombras tende a aumentar no berço da pós-modernidade, que é a miragem nostálgica do homem, uma civilização onde a singularidade dos desejos se converte em um bem de luxo. Está-se começando a produzir o "homem de Chernobyl", para quem a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Ele divaga com crenças promíscuas, vive um dia de cada vez, preparado para o pior, por haver perdido toda confiança em seu futuro. Seu lugar de visibilidade é o espanto apocalíptico. Está no lugar de um observador em regime de prisão perpétua.

Então voltemos ao surrealismo, não como uma moda saudosista que força a perda da memória histórica, mas como recuperação psicoanalítica do instante onde a imaginação do mundo brilhou plena de juventude. E foi fogo e jogo, com as coisas, os desejos e a eternidade. Um belo instante da cultura onde o sonho vai adiante e a ação é sua esteira: o solar do noturno, o sonho que impede aderir-se incondicionalmente às ficções dos saberes feitos.

O que mais me atrai no surrealismo é sua proposta carnavalizada de fundir, pela poesia, os sonhos com a vida.

Com ele quero reagir nos tempos do raciocínio apocalíptico, repensá-lo como surrealismo tardio, com o pós-surrealismo, que resiste no interior da cultura da pós-história.

Não quero dramatizar a mentalidade sitiada, quero transformá-la, emancipando-me dela. Temos que fazer com o surrealismo tardio um lugar de superação e rebeldia contra os sufocos das culturas opulentas. Temos que aprender a modular nossas vidas como uma obra de arte. É subversiva a introdução da arte na vida. É reservar-se a genialidade para viver como falava Oscar Wilde.

Quando o surrealismo estabelece as identidades entre a poética (os sonhos) e a vida, está convidando a cultivar o engajamento mágico com o mundo. É a crença no poder mágico da palavra como reveladora e criadora de mundos e realidades: *O homem é a luz de seu destino*.

Breton tomou todo cuidado para não reduzir a imaginação à servidão. Ele afirmou em seu primeiro manifesto que só a imaginação nos dá conta do que pode ser, e isto é o bastante para que a gente se entregue a ela sem receios de se enganar (como se fosse possível enganar-se mais ainda, lamenta Breton). A livre emissão da imaginação convoca a magia. Não existe imaginação sem magia.

A grande tentativa com que nos brinda o surrealismo provém de sua teimosa substituição das fobias, das dramatizações, da mentalidade narcísica pela ação política do encantamento.

Não se pode engajar na vida sem vínculos mágicos com "les uns, les autres" e as coisas.

A imaginação encantada, mágica, não é a verdade nem o erro. Ela procura uma lucidez que não está nas teorias. Estas realizam um modo de compreensão do mundo sustentada pelo poder da unificação e da identificação de uma certa mitologia da realidade objetiva: a ingenuidade transparente. A magia surrealista provoca a leitura emocional, sensível, corporal, auditiva e visual dos *destinos do desejo e os sentidos do prazer perdido*.

Vida, corpos, palavras, olhares, pulsações... tudo lido, falado e visto como intensidades, longe dos conceitos, traçando abismos com relação aos grandes relatos que legitimam transcendental ou epicamente as verdades e, negando, também a autoridade dos "Deuses-Providência". Assim, o surrealismo pode desligar-se da relação Teoria-Práxis, assumindo em profundidade o caráter onírico das teorias.

Realidade e sonho, os cortes não são drásticos. É difícil distinguir sem criar mitos. De repente o surrealismo não distingue, coloca em prateleiras sem estantes as teorias e nos propõe uma discussão substitutiva: a relação sonho-práxis. Graças a este sacrilégio, os surrealistas alteram os efeitos consagrados do saber.

Em seus jogos contestatórios mostram que a função mais importante do conhecimento social é a de sonhar com magia. Somos feitos do mesmo material que os sonhos. O sonho é um fiel espelho de nossos escurecidos objetos de desejo.

Iluminá-los é uma função emancipatória da pedagogia. Ela deve incendir-nos com magia e afetividade. O processo didático precisa ser um sonho mágico que nos atraia para devolver-nos a liberdade. Esse é o caminho para encontrar o desejo nos argumentos didáticos: a sala de aula como um sonho que realiza a psicanálise do saber. Paraíso perigoso, onde só penetram os grandes aventureiros. A noite do ser. O homem noturno que vê a noite como alumbramento e o dia como gestações: o homem luminoso do crepúsculo que mostra Bachelard.

Ousar é um privilégio dos que têm coragem.

A experiência nos ensina que uma consciência demasiado impregnada de lucidez cartesiana impede que o homem invoque os abismos interiores e que evoque, como o desejo, os misteriosos climas da vida inconsciente, tente dissolver seus fantasmas e exerça sua rebelião contra os castradores profissionais ou amadores. Enfim, o sonho como bom exercício para superar as consciências alienadas. Os sonhos e a magia como antídotos da ideologia. O sonho para superar a mentalidade cartesiana: essa lucidez vizinha do poder.

O Bachelard noturno foi um inovador da concepção da imaginação, distante dos padrões acadêmicos convencionais e dos modismos sorbonianos, explorou o devaneio e a poesia, pensando a natureza enquanto imaginação material. Reivindicou para o conhecimento um incessante direito de voltar à imaginação: o exercício da função diurna do imaginário.

Pensando junto com os surrealistas, Bachelard percebe as correntes subterrâneas do saber, que manifestam uma mobilidade diferente daquela que se dá como superfície da razão: unidirecional, logocêntrica, disciplinada, sem efervescências psicológicas. Ele descobre a ludicidade da matemática, o jogo criador, o "espírito de finesse", a poética da inteligência, a ciência como estética da razão, como o queria Nietzsche, é também comprometimento do corpo com a concretude do mundo.

Fala, então, Bachelard, de surrealidade acompanhando o movimento surrealista para explorar suas possibilidades "epistemológicas". A causa surrealista o inspirou como epistemólogo e pedagogo, ousando aplicar a máxima: "*No reino do pensamento a imprudência é um método*".

A magia do instante poético é uma possibilidade sedutora, potencialmente eficaz, para Bachelard, como dissolvente da teia de armadilhas e engodos onde se escondem, disfarçadas, obsoletas mentalidades.

"*Sou o limite de minhas ilusões perdidas*", escreveu certa vez Bachelard.

Porém, a imaginação e o sonho guardam estreita relação com a demografia, pois nos interpelam e nos provocam em torno do novo, nos propõem a

possibilidade de pensar e sentir sem censuras, nos revelam os segredos da singularidade, o ponto neurológico da diferença: o homem novo, aquele que não tem seus sonhos, seu imaginário censurado pela instituição e que organiza seus afetos sem desejos alagados.

A democracia é o direito de sonhar o que se quer.

As sociedades totalitárias são as que perderam sua capacidade de imaginar criativamente o mundo.

Como é possível imaginar o novo?

Esta é a grande questão que precisamos formular se quisermos que nossas vidas sejam articuladas por uma mentalidade democrática. Devemos, portanto, ir à procura da imaginação democrática. Temos, assim, uma relação estreita entre sonho imaginação e autonomia. Esta última, a definiria como o direito de imaginar e de inventar nossos próprios desejos.

Pedagogicamente falando, as artes brindam uma possibilidade insubstituível, estimulam a imaginação criativa, tornando-nos, absolutamente, permeáveis para o novo. Representam atos de produção do novo. É o novo erotizado pelo ato pedagógico. Os cadáveres são poeticamente enterrados. Eros, pedagogo. As verdades nostálgicas, vencidas pela ludicidade da sala de aula. As vanguardas regressivas do academicismo derrotadas por uma pragmática poética, afetiva e eficiente.

Já não se trata de fazer discursos sobre o valor pedagógico de uma imaginação criativa. É colocá-la em prática para deslocar nossa mentalidade do sistema instituído. É fazer a experiência de produção do novo. É aprender a "ser o homem novo".

Creio que o traço mais marcante de uma mentalidade democrática seja sua inesgotável predisposição para a imaginação do novo, para a recepção do imprevisível.

Daí, a poética (no sentido das artes), ela nos ensina a adquirir uma permanente atitude "adâmica" frente a todas as coisas do mundo. Um olhar primitivo, absolutamente indispensável para que o saber recupere sua função de turbulência e singularidade.

A visão "adâmica" frente ao mundo poderia ser entendida como uma proposta de constituição do saber a partir da instantaneidade. Assim o homem "adâmico" estaria enxergando permanentemente as coisas do mundo em estado virginal, criando permanentemente novas condições de visibilidade, e rejeitando seculares rotinas mentais, que obstaculizam sua percepção do novo e sua sensibilidade singular. Uma volta da razão ao tempo das crianças, onde se vêem as coisas do mundo pela primeira vez.

O poético, em Bachelard, não é um simples ordenamento. Tem necessidade de um poder, de uma energia, de uma conquista, de uma magia transformadora. Para ele não se compreende bem numa contemplação ociosa. É preciso – comenta – que o ser que contempla jogue seu próprio destino ante o universo contemplado. Em sua "epistemologia" noturna todos os tipos de poesia são tipos de destino. Uma história da poesia, diz, é uma história da sensibilidade humana. A poesia, para Bachelard, revela que o homem deseja um dever, um destino, uma afetividade criativa. Para o filósofo dos obstáculos epistemológicos a função primordial da poesia é a de transformar-nos. A poética, proclama, é a obra humana que nos transforma com maior rapidez: basta um poema.

Invocando a Lautremont, Bachelard recomenda ler a poesia como uma lição de vida, como uma original lição de vontade de viver.

Assim, na poética, o que ela espera, de pronto, é subversão. A vida ofensiva sucede a vida ofendida. A importância do grito pela vida presente nos "Cantos de Maldoror". Porém o grito poético, um universo gritado como energia de vida, e sempre a meu ver, elegante, cheio de gestos tranquilos. É sempre um grito calmo.

Esse é para mim o grito poético que propõe Bachelard. Um grito silencioso. Sinto que os fracos rugem. Os que proferem gritos desgarradores, diz Bachelard, não sabem gritar. É o grito do medo frente "à ameaça". Mostra um corpo comprometido com a angústia, mas não com a transformação do humano.

Os significantes raivosos são feitos de mediocridade lúdica, de mediocridade imaginativa. Não se necessita de defesas maníacas: agredir para não engolir desejos desencantados, proibir para permitir, censurar para defender o direito à criatividade.

Sonho com um surrealismo de olhos calmos. Os furacões não dissolvem as castrações; os furacões só incitam a procurar um refúgio longe deles. Reivindicado, portanto, o escândalo da doçura, uma tormenta delicada e suave, uma tormenta comprometida com Eros.

A pedagogia demanda atitudes mágicas. Elas são sempre serenas. A magia é uma energia aplicada, que dissolve as máscaras censoras, as observações do mundo em regime de prisão, os gritos fóbicos, tudo pelo poder da serenidade.

Sinto que Cristo, quando propõe dar a outra face, prega isto. A dimensão subversiva de sua doutrina descansa numa obstinada apologia de caráter revolucionário dos gestos delicados e dos comportamentos intensamente calmos.

A serenidade é a estética da argumentação. A tranquilidade é retórica. Estamos diante da revolução delicada, da agressão tranqüila de uma flor. É também a serena luta pela dignidade da vida que Ghandi praticou.

O surrealismo não deixa de ser uma estratégia terapêutica. Os atos surrealistas precisam ser terapêuticos. Não podemos, então, esquecer que o discurso de terapeuta é sempre uma interpretação serena da fala do analisado. Imaginemos os estragos que produziria um terapeuta exaltado. Como ficariam nossas neuroses se fôssemos analisados por um furacão?

O surrealismo é uma estratégia de transformação das angústias em serenidade, atos emancipatórios.

Para Bachelard a poesia é uma metafísica instantânea. O poema deve dar-nos uma visão do mundo e dos segredos dos desejos. Enquanto todas as experiências metafísicas são preparadas por intermináveis prolegômenos, a poesia recusa preâmbulos, princípios, métodos, provas. No máximo, aponta Bachelard, tem necessidades de um prelúdio de silêncios. Produz seu instante fazendo calar os trinados do museu das crenças do saber, aquelas idéias que deixariam na alma do leitor uma continuidade de pensamento ou de murmúrio. Ele pensa que para constituir um instante complexo, para atar, neste instante, numerosas simultaneidades, é que o poeta destrói a continuidade simples do tempo encadeado. O poeta detém metafisicamente o tempo no instante poético para criar.. o saber de um sonho diurno. No mínimo esse sonho é a consciência de uma ambivalência: uma ambivalência excitada, ativa, mágica. A poesia nos ensina a viver o tempo da contradição escondido em cada instante: a surrealidade tal como é proposta por Breton. Esse é o saber que se procura na pedagogia do imaginário, na didática do sonho, nos devaneios do surrealismo pedagógico, na pragmática da singularidade, na didática da sedução, no ensino carnavalizado.

Nas múltiplas avenidas de uma afetividade inventiva, sem nada esperar do sopro das horas, o poeta; o professor ilusionista, renega os fantasmas do saber. "Para viver é preciso sempre trair fantasmas", fala Bachelard. Para isto é necessário fazer a terapia do conhecimento. Um mundo para ser despertado, um mundo mostrando que as contradições íntimas são as que levam à clareza de do saber. Aprende-se na magia das contradições. Aprende-se no sonho. Por isso o professor surrealista deve ensinar a sonhar. Por isso ele é um ilusionista que propõe a ludicidade como prática revolucionária. Estamos diante do poder do brinquedo. O sonho didático é sempre lúdico, carnavalesco o funcionamento normal das luzes. cartesianas.

Por que não podemos esperar dos indícios do sonho o mesmo que esperamos da iluminação cartesiana? Por que os jogos lúdicos não podem servir para ajudar-nos a resolver as questões fundamentais da vida?

Como diz a canção: sonhar é preciso.

O sonho e a poesia são a contrafigura da imaginação formal. Esta transparece no vocabulário básico da ciência e da filosofia, servindo à substituição de uma imaginação extremamente dependente de um princípio de visibilidade passiva.

A imaginação formal, fundamentada numa visão imobilista e imobilizada, cumpre seus destinos encaminhando-se para o formalismo. Escamoteia, assim, a materialidade das coisas e das próprias imagens para pensar o mundo a partir de exemplos tácitos e imagens mascaradas. Uma proposta que não adverte, afirma Bachelard, *que não se aprende um pensamento no vazio*.

Desta maneira, a imaginação formal torna a matéria um objeto de visão, ao vê-la apenas como figuração. É o resultado último da postura do homem como mero espectador do mundo, de um mundo panorâmico e posto à contemplação ociosa. No fundo, uma apologia de uma imaginação dependente e carente. Dependente dos objetos de conhecimento; carente em relação a todo o novo. É a imaginação totalitária: a imaginação que se apresenta como véspera de conceito.

A imaginação formal é vítima de um princípio ótico. Ela comanda os processos discursivos que produzem as verdades das ciências sociais e fazem do cientista um pensador-voyeur: o pensa-dor quieto que nos legou Radin como símbolo de toda uma tradição reflexiva, que concebe a imagem como mera miragem-sem-vida de um mundo, cujos significados, forçosamente, devem ser traduzidos em conceitos. É a palavra "ótica" escondida nos conceitos para dar a ilusão de ser um duplo do mundo.

Estamos diante dos fragmentos "óticos" que acompanham a imaginação para reduzi-la a uma faculdade meramente copiadora, subalterna e desertotizada. É a imaginação sem autonomia. Trata-se da imaginação de quem aceita submissamente ser espectador do mundo.

Examinando com certo cuidado o processo discursivo das ciências sociais, podemos notar muitas marcas de uma compreensão "ótica" do mundo. Expressões como: ver, contemplar, evidência, idéia (que significa, originariamente, forma visível), ponto de vista, visão do mundo etc., mostram, às claras, como o discurso das ciências sociais está impregnado de elementos dependentes de uma concepção "ótica" do mundo. Inclusive, a própria noção de teoria é filha da atitude "ótica". Ela provém do grego. Surge de um uso metafórico da ex-

pressão "Theorem". Os gregos empregavam essa palavra para referirem-se aos comentaristas das olimpíadas. Eles ficavam nas arquibancadas para opinar sobre os jogos do Olimpo. Curiosamente, estes personagens eram os únicos que não tinham nenhuma participação ativa nas competições. Só as viam. O "theorem" tinha o vício da ocularidade que herdaram nossos cientistas instituídos.

O surrealismo convida a ter outra atitude frente ao saber. Mostra que o saber precisa deixar de ser a arquibancada da vida.

Bachelard prefere sair à procura de outro tipo de imaginação. Ele a chama material. Trata-se de uma imaginação que recupera o mundo como criatividade e como resistência, solicita a intervenção ativa e emancipatória do homem, decretando com isto a morte do pensador-*voyeur*.

Estamos diante da proposta de uma imaginação democrática, inventiva, cheia de incertezas. Uma imaginação que nunca fica a serviço da relação saber-poder. Nela vigora a relação saber-desejo.

Para exercer o poder nunca se apela para uma imaginação que revele o novo. O poder precisa do império de uma criatividade nostálgica que provoque só o efeito de uma mudança. Uma imaginação que introduza as alterações que não mudam nada. Este tipo de imaginação adquire seu apogeu na cultura da pós-modernidade.

Penso neste momento em Kelsen. Sinto que seu pecado foi o de empregar sua imaginação para descrever o pensamento jurídico que já existia. Sua imaginação serviu como antecâmara para seus conceitos e nada mais. Nunca pensou na possibilidade de novos jogos. Preocupou-se em purificar o velho, retroalimentou-o. Seu habitat foi uma mortalha para a criação de um imaginário jurídico democrático. Ele assumiu a pureza contra a luxúria operante do novo.

O poder se infiltra no saber como imaginação totalitária. Uma imaginação unicamente disposta a sonhar a univocidade do mundo e dos desejos: uma imaginação alienada e hipnótica. Lembro que os mecanismos da hipnósis consistem em baixar as faixas das ondas energéticas das pessoas, tornando-as vulneráveis a modulações e sugestões.

A imaginação totalitária trabalha contra as diferenças. É uma imaginação esterilizante: a imaginação ornamental dos estereótipos sem espaços para as grandes diferenças desejantes. Ela apresenta como tendência o silêncio e a cegueira. Estamos diante de uma imaginação que deixa o saber sem sabor. Barthes lembra que saber e sabor têm a mesma raiz. Necessitamos de que estas duas palavras se mantenham significativamente unidas. Para isso temos que aceitar que o sabor do saber está no desejo de mudar a vida: uma procura permanente da nova palavra. Esse sabor tem o gosto de um sonho. Claro que

não se trata, como se queria em maio de 1968, da imaginação do poder, mas da imaginação democrática em lugar da imaginação do poder.

Ninguém é um bom professor se não consegue dar vida aos textos que trabalha. Nesse sentido não podemos esquecer que o valor pedagógico de um discurso passa por seu erotismo. Dar vida a um texto é impregná-lo de um sabor que subverte a linguagem do poder.

Aprender é ousar desaprender o culto erudito, transformando em erotismo significativo as univocidades escondidas nos textos que apresentam verdades eruditas. A comunicação pedagógica depende do vínculo de amor que pode ser estabelecido com os textos. Para aprender é preciso misturar o rigor argumentativo com a ousadia efetiva. Unicamente aprendemos se recriarmos as verdades como se fossem mágicas: os fulgores luminosos de um desejo que não foi determinado por nenhuma voz exterior.

Estamos diante da terapia e seu valor. Ela nos ajuda a reencontrarmos com a criança adormecida que todos nós portamos. A terapia a faz acordar. Quando ela acorda, descobre as razões que a adormeceram. Assim, redescobrimos nossos desejos de criança. Os adultos que conseguem levar acordada a criança que foram, podem diluir os nós traumáticos de sua história. O surrealismo se propõe a isso. Ele é uma fala de criança, nos mostra que as crianças acordam com o sonho. Nossa criança desperta é a que nos vai permitir sonhar acordados. O drama do adulto é a compreensão de que quando ele porta sua criança adormecida, o poder ocupa seu lugar.

Enfim, se o tripé de uma proposta pedagógica surrealista baseia-se no jogo, na terapia e no sonho, precisamos marcar a distância entre o discurso da angústia e o conformismo e o discurso do prazer, o desejo e a serenidade. Tendo sempre presente que não se pode confundir o discurso do prazer com o prazer pela vida. É o que ocorre com alguns "analísados" muito mais preocupados por transformar a vida em tema para sua terapia com a vida. Agora, é preciso lembrar que é impossível fazer terapia com ausentes.

Estou dando ao sonho surrealista o sentido de uma possibilidade. Com efeito, juntando-o ao jogo, adquire a dimensão de uma compreensão da vida e suas instituições. Um entendimento que escapa das limitações que pesam sobre o pensamento controlado. Uma dessas limitações, a mais grave talvez, é a que converte o nosso espírito em um brinquedo do imaginário oficial: um conjunto de estereótipos que põem um ponto final aos acontecimentos do mundo e sua dança. Impressões parasitas que falseiam o curso da ideação autônoma. Por isso, o sonho didático, como discurso pedagógico, que permite subtrair nossas formas de expressão de uma ameaçadora esclerose. Assim podemos devolver ao verbo didático sua virtude criadora.

As armadilhas não só provêm da ordem lógica (um estreito racionalismo sempre alerta para não deixar passar nada que não houvera sido selado por ele), mas também da ordem moral, sempre presente sob forma de tabus, é finalmente da ordem do "gosto acadêmico", regido pelas convenções sofisticadas do bom tom. Estas armadilhas conformam a teia de significações que podem ser caracterizadas como a voz do bom-senso, a voz oficialmente reconhecida do senso crítico. Tradicionalmente, na escola aprendemos a cultivar essas vozes sem advertir que elas freiam a criatividade de todo tipo e envergadura.

Assim, o sonho didático, no surrealismo, aparece como um pensamento sem controle. É a possibilidade de expressar coletivamente uma imaginação encaminhada ao maravilhoso. É um sonho integrador.

Creio que já se vê claramente que estou falando do sonho como um território de encontro que permite entender-nos melhor, na interação com os outros. É o discurso do sonho como manifestação do mundo dos desejos.

Frente a esta proposta, precisamos reconsiderar as atitudes docentes, geralmente presas a uma atitude narcisista que termina colocando ao aluno como simples espelho, para que o professor consiga reconhecer-se, narcisisticamente, negando sua fraqueza. O sonho didático coloca o professor na necessidade de descer de seu umbigo e participar de um processo de mútuo reconhecimento transformador.

Quando invoco as possibilidades didáticas do que chamo de um sonho surrealista, penso ao mesmo tempo nos efeitos fantásticos que envolvem os acontecimentos e os discursos célicos: um realismo mágico, construtor de um fantástico mundo de ficções, que permite compreender, por um súbito sentimento de supra-racionalidade, a presença de um amontoado de ficções desencantadas no cotidiano do mundo. É como se amplificando emocionalmente as ficções, pudéssemos nos aperceber de sua existência nas apresentações sensatas do mundo. Desta maneira, poderemos dar-nos conta de que o ficcional não é só tema dos contos fantásticos. As ficções formam parte de nossos vínculos simbólicos. A força alienante de um discurso depende do potencial persuasivo das ficções que o sustentam, das ficções que terminamos admitindo como dados naturais do mundo: os absurdos negados do real.

Pensando a ideologia a partir do surrealismo, ela pode ser focalizada como a imaginação (um emaranhado de ficções) que determina um controle exterior das relações entre os homens. Afastando-me do ponto de vista que mostrava a ideologia como falsificação da consciência ou ocultamento do mundo, apresento-a como um sistema de ficções que procuram conduzir as relações entre os homens, construindo uma realidade unívoca.

Estou falando da construção de uma realidade onde se perde a autonomia dos desejos pela percepção unívoca do mundo.

Frente às ficções ideológicas, pode, então, surgir um outro tipo de realidade imaginária, um realismo mágico que permita entender a realidade ficcional em que mergulhamos por um certo exercício institucional do poder.

O sonho didático, como realismo mágico, nos permitirá, também, estabelecer uma compreensão, pelo fantástico, dos modos em que o saber é empregado para permitir o entendimento e aprendizado das ficções ideológicas.

Nosso universo compreensivo amplia-se notoriamente quando nos permitimos sonhar dando acesso a nossas utopias interiores. Quem se entrega com entusiasmo à imaginação poética está permitindo participar com paixão nos acontecimentos. Além disso, estar-se-ia produzindo uma leitura emocional do mundo, que nos daria amplas condições para viver experiências transformadoras.

O sonho didático propicia uma leitura semiológica do cotidiano. Procura a produção de textos "existenciais" para o momento que se está vivendo. Textos que permitem descobrir as redes sutis que o totalitarismo tece no uso cotidiano da linguagem.

Estou movendo-me em um terreno muito complexo. O fantástico pode levar-nos, se não nos apercebermos de seus limites, a uma perigosa alteração do mundo. O fantástico pode deixar-nos embriagados e sem nenhuma capacidade de projetar-nos no marco do mundo cotidiano. Estaríamos, assim, mergulhados num mundo imaginário que nos faria perder-nos nos vapores de seu próprio encantamento. O limite do fantástico está em sua capacidade de permitir-nos captar emocionalmente uma situação histórica. O discurso fantástico nunca pode manifestar-se como significação histórica, que nega o mundo, substituindo-o. Quando produzimos um discurso fantástico temos que ter plena consciência de sua condição imaginária. Não se pode confundir a ousadia de um projeto com a negação do mundo: viver o sonho como se já estivesse realizado.

Quando falo do fantástico, estou, sobretudo, pensando na possibilidade de despertar uma ousadia interior.

Examinando a história, pode-se comprovar que só os ousados, os que sonharam com o impossível, puderam contribuir para que fossem realidade as grandes transformações sociais... Muitos fracassaram, outros mudaram o curso da história. Colombo vindo para a América, San Martín atravessando os Andes com um conjunto de soldados inexperientes, as mães da Praça de Maio, são exemplos de alguns sonhos fantásticos que deram certo. O Che Guevara na Bolívia; a resistência heróica Sepé Tiaraju; Atualpa, o último Inca; o rei da

Patagônia, foram projetos fantásticos que se frustraram. O resultado não importa. As ousadias fracassadas transformaram as pessoas que nelas participaram, permitiram-lhes for-mar alianças e vínculos fortes de amor. Isto é precisamente o que se procura com a pedagogia surrealista, como poética do sonho. Não se pode entender a proposta surrealista sem valorar o permanente retorno às ficções ousadas que a caracterizam de um modo vital.

Não devemos confundir as ficções do real com a realidade fictícia.

A produção do saber não está isenta da necessidade de contar com sonhos ousados. Marx, Freud, Bachelard, Galileu, Einstein passaram pela vida dando testemunho disso.

Particularmente me surpreendem os mecanismos de recuperação da instituição social que conseguiu, com bastante êxito, apresentar uma interpretação burocrática e extremamente cautelosa destas grandes ousadias cognitivas. Nas aulas universitárias não se mostra o impulso fantástico que comanda o pensamento desses sonhos.

Gostaria de deter-me um momento em Bachelard, esse magnífico surrealista. Existe um enorme silêncio nos cursos universitários em torno do mundo fantástico que envolve a produção da sua obra. Inclusive muitos partidários da mal chamada *Teoria Crítica do Direito* invocam Bachelard, em seus trabalhos e em suas aulas, sem uma referência à concepção bachelardiana da imaginação. Nenhum crítico do Direito mostra a relação profunda que existe, no pensamento de Bachelard, entre a proposta de um racionalismo aberto e a capacidade de sonhar. Este fato pode parecer muito mais surpreendente pelo compromisso da Teoria Crítica do Direito com o materialismo dialético. Este último não pode ser adequadamente entendido sem desafiar todas as maneiras cartesianas de reagir diante do espetáculo do mundo, lançando-se a corpo descoberto no maravilhoso. É importante observar o pouco valor de uma crítica que não esteja preocupada em transformar, de cima para baixo, a sensibilidade cognitiva dominante.

Bachelard levou muito em conta todas estas coisas, os juristas que querem usá-lo para falar de Direito, não. A riqueza do pensamento de Bachelard está dada pela leitura surrealista que dele podemos fazer.

Para pensar, nas perspectivas do surrealismo, no ensino do Direito, é preciso contar com docentes capazes de levar adiante grandes ousadias pedagógicas. Eles têm que mostrar que é possível crescer, encarar a aventura do saber, enfrentando, obstinadamente, uma erudição que nos adormece. O importante é que a ousadia não termine nunca. Assim cada vez que a erudição triunfa sobre ela, como o rei da Patagônia, deve ressurgir na derrota, inventando outra experiência fantástica.

Há pouco tempo participei de um concurso universitário na carreira de Ciência Política da Universidade de Buenos Aires. A banca examinadora manifestou que não podia avaliar minha proposta pedagógica por ser muito inovadora, não se havendo ainda verificado, academicamente, sua eficiência. Um exemplo da erudição tentando derrotar a ousadia. *A Lógica é ao mundo como a caveira ao corpo...* Eu os perdôo, os entendo, mas necessito traí-los. Sinto que tenho que saldar minhas contas com todos os silêncios, que até agora me impus, para conquistar a competência de meu discurso. Agora que o tenho, lamento-o.

Preciso traí-los para ajudar a que o homem, como dizia Breton, se passe com armas e bagagens para o lado do homem. Porém, essa passagem tem que ser com armas, bagagens e bengala. Ninguém passa sozinho e contando para isso, unicamente, com as emoções. A afetividade não é arma suficiente. É preciso contar com o apoio do saber.

Não gostaria que meu empenho de denunciar as perversões escondidas atrás das verdades divinizadas levassem, a quem me está lendo, a pensar que estou pregando a negação do conhecimento. O saber também ajuda, e muito, a formar espíritos sensíveis e delicados frente à vida e aos outros. Existem muitos professores e estudantes que querem mudar as coisas. Maio de 68 já passou. O individualismo que o motivou também. Os professores de meia-idade como eu, temos saudades (inconscientes) desse movimento.

Às vezes, isso perturba o que se quer dizer. Não percebemos a diferença das gerações a que, habitualmente, falamos numa sala de aula. Isso nos desorienta. Nosso individualismo nos faz acreditar muitas vezes que possuímos o dom de uma palavra messiânica. Pensamos que estamos predestinados a transformar, com nossa palavra, o mundo. São nossas defesas maníacas, que muitas vezes falam mais forte que nossa vontade consciente. Observo, em meu dia-dia, como meu narcisismo trai meus objetivos existenciais, não me deixa ser fiel a mim mesmo e, conseqüentemente, com as metas que me propus para encarar minha própria vida. Talvez o narcisismo seja a enfermidade profissional dos que ensinam, não sei. O certo é que pregando o inconformismo, se tem também muito poder sobre os outros e não se renuncia a compactuar com a instituição universitária. Enganamos a nós mesmos quando secretamente dizemos que estamos aí e ficamos para tentar que as coisas mudem. Estamos diante de um sentimento de onipotência que esconde outras razões.

Estou escrevendo quase automaticamente e não vou rever o que coloquei no papel. Quero deixá-lo assim como está. É uma confissão sobre os perigos do surrealismo e deste texto.

Os críticos da cultura se alimentam dessa crítica, vivem em função dela. Muitos deles não conseguem falar de outra coisa. Não se trata de entender o mundo senão de vivê-lo. Caso contrário, o professor termina sendo uma vítima das teorias. Tenho amigos que fazem a crítica do saber instituído, desprezam os alunos e os ignoram magistralmente.

Ninguém me necessita do jeito que eu penso ser necessário. Eu penso que me necessitam para dar de comer ao meu narcisismo. Entretanto, os estudantes precisam de ajuda. Ninguém os ajuda autoproclamando-se um fetiche: oferecendo-se como um objeto para idolatrar, mostrando, enigmaticamente, que existe um lugar (de onde o crítico parece vir) onde as misérias do mundo foram vencidas. As palavras do professor nunca lhe dão a chave para entrar nesse paraíso alternativo.

Pelo geral, o professor, que ocupa o lugar de um grande inconformista, fala das misérias do mundo e se vai. Os alunos ficam piores, tão-só com o prazer masoquista que dá certo sofrimento. O prazer muito "argentino" de sentir-se, no fundo, bem nas situações de angústia.

Ajudar ao aluno é dar-lhe condições para crescer a partir de sua própria história e das condições em que se encontra. Geralmente o professor busca que o aluno o copie, tenta que o aluno seja seu duplo. No fundo, não se respeitam as diferenças. Muitas vezes se fala em estimular a criatividade do aluno, mas se quer que o aluno seja criativo de uma maneira semelhante a que pratica o professor. É uma criatividade vigiada.

Tenho um colega de universidade que tinha uma alma profundamente baiana, mas que necessitou assumir as máscaras de um lorde inglês para sobreviver na universidade. Era uma máscara de rasgos eruditos com os quais cobria o erotismo de sua origem. Essa máscara, que lhe permitiu adquirir o aspecto de um homem frio e distante, terminou por ficar colada a seu rosto, deixou de ser para ele uma máscara. Os professores inconformistas correm o mesmo risco. Seu rosto pode ficar confundido definitivamente com a máscara da insatisfação. O mais triste é quando esse professor quer que essa máscara se faça carne no rosto dos que escutam.

Não basta falar aos alunos de que é necessário passar com armas e bagagens para o lado dos homens. É preciso dar-lhes a bengala que lhes permita fazer essa viagem. Porém, a bengala não é nossa palavra. Ela está na força vital que podem redescobrir neles mesmos. Toda bengala exterior termina sendo um fetiche. Os próprios alunos têm que descobrir o saber que os devolve à vida.

Na maioria das vezes o professor inconformista – o grande iconoclasta – brinca de Deus. Simula derrubar todos os ídolos com a secreta esperança de

poder ele ocupar o lugar de todos eles. Nada presta, só sua palavra: o único fetiche a ser venerado.

Como na fala de um Deus, sua palavra, enigmaticamente, deixa entrever a vida que precisa ser celebrada. Ela é oferecida mas ao mesmo tempo negada, ocultada pelo modo enigmático em que ela é brindada para uma contemplação ociosa.

Um pouco como nas festas do *swinger* (*swinge's party*) todo mundo sai mal dessas aulas inconformadas.

Nas orgias inventadas pela classe média no capitalismo tardio, todos se sentem mal: sujos e rígidos. Porque estas festas são uma fuga da vida que reflete sua vida. É uma tentativa de esquecer a monotonia, de fugir falsamente da comunicação, e da falta de relação. Um fracasso total: o modo diferente de não comunicar-se.

A mesma coisa acontece em muitas das aulas em que se tenta fazer a crítica do saber. Não existe nenhuma celebração da vida. Todos continuam no anonimato. Falam de viver de um modo diferente, mas não tentam aproveitar esse instante para isso... e quando a festa termina cada um volta à sua normalidade, como sempre frenéticos, mecânicos e anônimos. Inclusive o professor crítico volta a sua rotina sem ligar muito para suas próprias palavras, elas são unicamente seu intervalo cotidiano. A pausa que reanima.

O surrealismo deve estar atento a isto. *A aula surrealista deve ser parte da vida e não uma fuga dela.* A magia e o sonho como parte da vida e não como um esquecimento das penas.

O surrealismo como estratégia para o ensino do Direito nunca pode permitir que um inferno se desate. Ele deve tentar a apresentação supra-real do cotidiano para projetar, como numa tela amplificada, alguns dos absurdos que engolimos como parte da chamada condição natural do homem.

Brincando surrealisticamente com a realidade, podemos também perceber os mecanismos que se manifestam em nossa estrutura psíquica, ajudando-nos a encontrar um destino – sem censuras externas – para nossos desejos. É o emprego do fantástico que permite ver como muito do que se convencionou chamar realidade não é outra coisa que um território de ficções apresentadas como dados naturais para conseguir que os homens neguem seus desejos. Fetiches que ocultam os absurdos que integram a "sensatez cotidiana".

É importante considerar a esta altura que, a partir de um ponto de vista pedagógico, pela via do fantástico, pode tentar-se a sondagem dos limites dos códigos acadêmicos e epistemológicos, institucionalmente estabelecido, assim

como das autoritárias mistificações do ensino tradicional. O desejo situado num faz de contas, sem angústias nem alienações.

Assim, na sala de aula, a criação lúcida pela linguagem e a ação dos desejos passam a ser um instrumento de descoberta do mundo. Na didática do imaginário, os desejos se divertem para entender-se e descobrir a vida.

Em mais de 20 anos de docência, adverti que um professor precisa ser um pouco ilusionista. Empregar uma didática do imaginário, mostrando que, para mudar a vida, é preciso reinventar as ficções.

Temos que reinventar a linguagem se queremos desenvolver a democracia. Ela é impossível com homens estereotipados. O homem adormecido, sem efervescências, não é democrático. Um estereótipo não pode portar incertezas, nem aceitar as diferenças e os diferentes.

Não existem jogos didáticos sem afetos. A felicidade e a autonomia do homem, fala Freud, dependem do trabalho e da criatividade. Ambas as coisas dependem inteiramente de nossos modos de sentir. Desta maneira, acrescenta Freud, a pedagogia se funda psicanaliticamente numa economia do amor. Um bom professor, para o fundador da psicanálise, é aquele que sabe empregar a quantidade certa de amor. O prêmio de um professor é a alegria, descobrir que despertou nos outros o desejo de sentir.

A grande subversão das aulas de Barthes foi sempre provocada pela forma afetiva de trabalhar o saber. Nelas um território de divertimentos e de afetos importam sempre mais do que o saber previsível do mundo acadêmico. É a "afectoterapia" como estratégia para a sala de aula. O professor como "afectoterapeuta" que não julga nem culpa, simplesmente desenvolve o abraço carinhoso da palavra.

Desta maneira a sala de aula será convertida no sonho de um mundo onde as pessoas são respeitadas pela intensidade e afeto com que se ligam e não mais pela fortaleza de suas muralhas.

A magia surrealista não é mito. Ela é um sonho vital.

O mito dissimula a separação entre a cultura e a vida social. A magia surrealista está vinculada à força envolvente dos desejos. O mito serve para estimular uma cultura que vive suas contradições numa estrutura que é obra das divindades metafísicas e se alimenta dos cultos alienados.

Digamos, então, que a magia surrealista é o sonho substituindo os mitos. Estes últimos não são mais que sonhos para ausentes.

No momento creio ver que a distância entre o mito e a magia surrealista é também a distância entre a pedagogia de angústia e o inconformismo e a pedagogia do prazer e do desejo.

Os antropólogos falam da magia de um modo bastante diferente do senso que eu lhe atribuo para o surrealismo tardio. Do pensamento primitivo considero unicamente a possibilidade de entender a magia como um princípio vital. Uma coisa transmissível e acumulável, mas que só pode ser adquirida por contato com os outros.

A qualidade forte deste tipo de representação estaria dada por sua possibilidade de funcionar como mentalidade participativa. Um modo de pensar primitivo que sugiro retomar para recuperar a raiz do sentido da vida coletiva; um viver coletivo que se foi perdendo. Essa maneira de viver cria hábitos mentais bastante diferentes dos que ensombrecem a racionalidade ocidental. A mentalidade primitiva me seduz na medida em que mostro uma forma de encarar suas representações muito mais pelos sentimentos que pelo pensamento. A generalidade é para o primitivo uma categoria afetiva. As representações emocionais têm em suas vidas um papel preponderante: o realismo mágico em substituição de um místico realismo objetivo. É a magia no lugar da objetividade.

No pensamento primitivo a afetividade funciona como condição de sentido. Algo é verdadeiro se corresponde com os sentimentos e não se corresponde com os fatos como queria Aristóteles e os empiristas lógicos.

Desta maneira o surrealismo tardio propõe para o ensino universitário uma "condição mágica de significação". Trata-se de um critério sempre aberto ao plural dos sentidos e das percepções diferentes.

A lógica racional tende a opor radicalmente inteligência e sentimentos. O surrealismo tardio os junta, convocando um certo tipo de magia: o encantamento vital.

No fundo, poderia falar de dois tipos de magia: a surrealista e a mística. A primeira, vejo-a como expressão coletiva do inconformismo vital e dos impulsos de resistência frente a todos os ritmos impostos. A segunda, como se referindo àqueles relatos que cumprem funções legitimadoras na sociedade pelo deslumbramento. A magia presente no mito é sempre produtora de cursos deslumbrados. Como as crianças antes de dormir, a magia presente no mito nos permite sentir o retorno ao útero materno através de algumas histórias bem contadas, historinhas onde todos os desejos são abolidos porque parecem definitivamente realizados. Ficamos, então, deslumbrados, isto é, impedidos de ver, de falar, de desejar.

Estamos diante de uma força mágica que direciona nosso encantamento pelo poder, a lei e o saber das ciências. Desta maneira eles são misticamente convertidos em objetos adoráveis. Emerge, assim, uma ilusão que nos faz sentir vinculados a todos eles por uma perfeita relação de amor. Apenas o efeito

de um todo desejado, que se decide amar sob a forma de uma palavra vazia: adorável. Então, meu desejo, em relação ao poder, à lei e ao saber se instala em lugares que não poderão mais ser designados. A ciência, a lei e o poder convertidos em fetiches. Nesta condição passamos a nos comportar como sujeitos engeçuecidos. Vemos sempre uma grande inocência no objeto amado. Muito além de suas propriedades sentimo-lo infalível e nos tornamos servos dessa onipotência endeusada. Um ser perfeito que nos devora. Passamos a existir neles. Perdemos o sentido da realidade, desvanecida numa fantasia glorificada. A ilusão de um leito de Procusto, que nos angustia, cada vez que comprovamos que a realidade não encaixa nele. A ilusão paralisante da figura perfeita.

Apelando para as possibilidades emancipatórias do pensamento mágico, o surrealismo procura substituir esse amor enfermo pela procura da afirmação de nossa singularidade. Para isso, tenta subverter a figura perfeita da lei, da ciência e do poder, descobrindo-lhes certas marcas de corrupção; tenta inventar uma contra-imagem dos objetos amados. Um desencanto que nos permite recuperar nossa autonomia. Assim, deixá-riamos de idealizar essas figuras, redescobrimos-as em suas imperfeições e, portanto, em sua história real.

A construção das contra-imagens requer a recuperação do espaço do político na sociedade. Um desejo de significação que as massas perderam. Hoje as massas são apáticas até para consumir as rotinas das significações impostas. Desde um ponto de vista pedagógico, podemos extrair deliciosos frutos diante do que termino de escrever.

Parece-me importante salientar a presença de um conteúdo mítico latente no discurso didático oficial. Ele consegue, bem ou mal, exprimir-se apelando ao deslumbramento. O aluno, alimentando-se do êxtase, engeçuecido pela fala do mestre, adorando sua infalibilidade.

Existe uma religião judaico-cristã que nos fez confundir o amor com a adoração. Desta maneira cremos amar quando estamos idolatrando.

A teologia do poder permite encarar a censura, as despersonalizações como verdades, isto é, dado através de um magistério universal, que serve para manter os homens em estado de crença sacra.

Nas instituições, como nas neuroses, a crença trabalha para construir fetiches. Eles permitem simultaneamente realizar e ocultar os procedimentos que apontam não só para a manipulação do psiquismo senão, mais concretamente, para atrair efetivamente os homens. Este apelo realiza-se através de discursos legitimadores que fazem falar as instituições como vozes insubstituíveis do saber absoluto. Desta maneira elas determinam a relação do homem

com o discurso. Para governarmos, este precisa apelar para a adoração, quer dizer, precisa de nosso amor doentio ao objeto mensageiro.

O discurso pedagógico está no centro desse processo. Principalmente o discurso docente do Direito.

O discurso jurídico aparece vinculado a uma ciência do sagrado que mantém em silêncio uma zona infernal de produção do saber: um conhecimento que fala da liberdade e da justiça sem tomar consciência de que está servindo à mentalidade opressora de uma época.

As ciências da lei brindam a possibilidade de contar com discursos que estabeleçam vínculos de adoração à lei, garantindo com isso a produção institucional da subjetividade. Um saber que faz a lei transbordar efeitos doentios de amor.

A penosa sensação de impotência que experimentamos quando crianças, foi o que despertou a necessidade de uma proteção amorosa, satisfeita em tal época pelo pai. Quando nos apercebemos, como adultos, da persistência desta dolorosa sensação de impotência, estendemos a proteção paterna a outras figuras: Deus, o Direito, o Estado, a Ciência etc. Figuras que servem para nos fazer crer que seguimos contando com uma proteção amorosa. Assim, atenuamos o medo frente aos perigos da vida. É muito difícil enfrentar as incertezas contando somente consigo mesmo. Precisamos ir acompanhados de sagradas solenidades, rodeados de auréolas de santidade. Claro que desta forma o que conseguimos é uma analgésica miopia. Coberto de santidade, perdemos a noção de quanto a produção institucional da subjetividade nos afasta de todo e qualquer contato vital. A recuperação desses contatos exige substituir as santidades alheias por nossa própria singularidade: cada um de nós como construtor de suas próprias ilusões, longe dos fetiches, dos estereótipos e das crenças ritualizadas.

O fetichismo marca a relação do homem com os objetos que o alienam. Prolongando as considerações que sobre o fetichismo provocou a psicanálise, falo dele como uma metáfora que circula com relativa frequência nas teorias que compõem as chamadas ciências sociais. Nelas emprega-se o termo para se referir ao culto de certos objetos aos quais se atribui um poder particular, poder que somente se oferece à análise inserindo, cuidadosamente, o objeto no conjunto das crenças sociais.

Trata-se de uma forma metafórica para falar da existência, numa cultura, de objetos e noções reificadas que condensam, simbolicamente, o lugar do inconsciente onde se articulam o enigma e a crença. Os fetiches são sempre vistos como o resto de um enigma.

Refugiando-se nos fetiches os homens podem reconhecer-se, ilusoriamente, como os únicos animadores de seus desejos. No fundo, um testemunho da necessidade de ter a ilusão do exercício concreto de um poder sobre aqueles que o governam.

Apelando-se, metaforicamente, ao fetichismo, pode-se, de alguma maneira, contar com uma explicação das relações idólatras do homem na sociedade, dos dispositivos que fazem dos processos de superestimação um dos fatores da dominação. O fetiche oculta sempre o fato de que um sentimento foi transformado numa fraqueza.

As pessoas, as coisas, as idéias feticilizadas de nossa cultura, podem ser interpretadas como um compromisso entre o desejo e o processo defensivo, mostram as mesmas necessidades do homem primitivo de encarnar num fetiche a seu Deus. Encarnar, dar uma carne, para encobrir, na origem da instauração do fetiche, uma intolerável não-satisfação frente à que oferece ou deixa de oferecer o objeto do amor, seu Deus protetor. O fetiche é uma armadilha para deuses, que se volta contra seu criador.

O fetiche representa sempre a substituição de um desejo. O objeto feticilhado vem sempre satisfazer condições preexistentes, não satisfeitas. O objeto fetiche é sempre o substituto de uma carência. Ele é sempre uma lembrança encobridora, testemunho manipulável onde se oculta, entrevê, e preserva o que não deve perder-se. Ele é a negação da percepção de uma ausência.

Neste ponto creio que não pode haver muitos receios em admitir que o pensamento vulgar vá determinando uma mentalidade fetichista em relação ao Direito, ao Estado, assim como, nas relações das verdades das ciências sociais com os objetos e as situações do mundo.

Diria que, por razões históricas, se vinculam, em grande parte, à instituição social de uma cultura capitalista, foram entretendo-se modos uniformes de ver o mundo, que nos remetem para significantes últimos fetichizados: Deus, a Ciência, a Lei, a Razão e também os objetos do consumo. Disfarces que nos permitem uma apropriação simbólica da maneira pela qual a vida se efetua: uma armadilha preparada ao desejo, petrificando seu processo. Isto nos converte em leitores cegos da vida, sem a sensibilidade de Borges. A faca íntima na garganta.

Existe uma relação estreita entre o fetiche e a castração. Esta última pode ser vista como a supressão de uma demanda de amor. É uma impotência afetiva que pode ser vista como efeito direto dos fetiches. Eles são, no fundo, verdades que vieram ocupar o lugar da vida: um espelho de desejos idealizados que provocam o efeito de saberes plenos.

Os fetiches da cultura capitalista vão matando nossa capacidade de multiplicar as possibilidades do amor, deixando-nos com a ilusão de um erotismo que não chega a provocar febre.

A gente fica sem a gente. Todos na fila de espera dos clichês e os fetiches que lhe darão desejos enlatados, como remédio envenenado para os afetos perdidos.

Para resistir, precisamos inventar outra história de amor, deixar de dirigir nossos afetos em direção ao poder.

O professor inconformista, muitas vezes, reconstituiu no lugar do fetiche o campo da ilusão. É uma ilusão que permite o brilho neurótico do professor inconformado.

Devemos ter uma atitude terapêutica frente ao discurso crítico de certos professores. Às vezes, esses discursos hasteiam uma atitude contestatória frente ao mundo, para sublimar, na forma de um fetiche, a personalidade angustiada do professor. Apelando a uma crítica radical da cultura, o professor inconformado consegue dissimular seus sentimentos neuróticos. Ele quer sentir-se indiscriminadamente querido para se preservar das angústias. Tenta persuadir sobre os valores de uma cultura sem advertir em que medida esta mesma cultura contribuiu para formar a sua personalidade neurótica. Vive fazendo a apologia do amor, sem conseguir amar. Uma personalidade realmente aberta para o amor, tenta ajudar aos outros, criando as condições para que eles mudem seus comportamentos. Entretanto, o discurso de alguns professores inconformados funciona como uma masturbação compulsiva: um sedativo que alivia, transitoriamente, a angústia.

A ânsia neurótica de criticar não nasce, assim, de uma força transformadora, ela é consequência de uma debilidade. Às vezes, ela nasce como defesa frente a um sentimento de inferioridade que se traduz como procura do poderio, fama, posição, o afeto indiscriminado. Em outros casos, o discurso crítico esconde inconscientes impulsos neuróticos na competição. Ela o leva a querer ser o único e excepcional indivíduo com capacidades limitadas de transformar o mundo, mas para adequá-lo às formas de seu desejo. Escondidas fantasias de grandeza apresentadas sob a capa nobre das grandes causas. Uma ambição camuflada. Um impulsivo desejo de êxito reprimido. Sua personalidade neurótica nunca lhe permitiria enxergar que ele só pretende demonstrar que é o melhor, que é o único que sabe viver. Ele, no fundo, quer ser o primeiro em todos os campos que atua. Assim, unicamente, consegue contagiar desejos, diminuir, inclusive, o valor potencial de sua fala, empobrecida por seus objetivos desmesurados e neuróticos. Desta maneira se produz um discurso

crítico onde os aspectos destrutivos se sobrepõem, em intensidade, aos constitutivos. É a crítica como suporte neurótico de um impulso competitivo e não como autêntico desejo de mudar o mundo.

Desta maneira estou alertando contra os discursos críticos de uma personalidade neurótica que se defende falando das misérias de uma cultura. São os fetiches de uma angústia contagiosa.

Importa-me mostrar aqui que a personalidade neurótica não é patrimônio exclusivo daqueles professores que decidem exercer seu ofício compactuando com o *status quo*. Os críticos também podem ser neuróticos – eu não me excluo –, espero que esse trabalho me permita, no futuro, mudar meus comportamentos existenciais e docentes. Espero poder superar inconscientes atitudes autoritárias que, no fundo, me deixam angustiado, quando os outros decidem viver sem levar em conta minha aprovação, quando decidem viver sem ficar presos ao feitiço de minha palavra.

Devemos, pois, ficar abertos frente à crítica que outorga competência a um discursos pelo efeito indiscriminado que provoca uma fala carregada de aparências sonhadoras.

Muitas vezes, a crítica esconde a necessidade neurótica de transgredir incessantemente uma lei da cultura, para substituí-la pela lei do desejo. É a lei funcionando como um fantasma inconsciente. Por não ter tido acesso ao simbólico do pai, segundo a lei, alguns críticos parecem desafiar as leis, ante nossos olhos, quando na realidade tentam fazê-las nascer a sua maneira.

II

Não tem nenhum sentido tentar definir, com certa precisão, o que deve ser entendido por surrealismo. Seria uma forma semiológica de estabelecer um critério autoritário de exclusão. Os atos e os projetos que não se enquadrassem na definição cairiam fora do movimento surrealista. É o que tentou fazer Breton para controlar, de alguma maneira, os projetos do surrealismo. Definir o surrealismo é uma forma de trair o espírito que o anima. É tentar a univocidade do conjunto fundamental de suas propostas, encerrando-as em conceitos. Obteríamos, assim, um discurso legível do surrealismo. Porém, o surrealismo existe como um devir incessante de texto escritíveis que vão redefinindo a cada instante seu sentido e seu destino. Quem se vincula à história desses textos lhes outorga novas significações. O valor e os propósitos do surrealismo dependem dessa vertigem de sentidos. O surrealismo é uma aproximação singular ao fantástico, para uma tomada de consciência

comum da vida. Na proximidade do fantástico, nesse ponto em que a razão humana perde seu controle, cada surrealista poderia traduzir, num discurso mágico, as emoções contidas no profundo do seu ser.

Nesse sentido, o surrealismo é uma estratégia discursiva que desperta, através do apelo ao fantástico, o estado latente de nossos desejos singulares. Ele mostra o sentido singular de cada existência no questionamento das formas oficiais da cultura. O surrealismo está em função direta da necessidade de que cada um de nós possa exercer com autonomia seu próprio olhar frente à vida.

Certamente, o surrealismo teve fortes influências que foram alimentando suas raízes: a psicanálise, o marxismo, e tendências estéticas convergiram para a determinação de sua gênese e evolução. Os novos elementos que se foram aderindo ao movimento surrealista aportavam conhecimentos, reações sensíveis e sugestões que imprimiam fortes marcas na atitude geral do surrealismo.

Os surrealistas foram organizando sua rebeldia poética, moral e política em torno de várias idéias comuns. Os colaboradores da revista *A Revolução Surrealista*, unanimemente, concordam nos seguintes pontos: o mundo chamado do cartesiano que os rodeava era um mundo insustentável, mistificador, sem humor nem paixão. Contra ele estavam justificadas todas as formas de insurreição. Toda a psicologia do entendimento era discutida, concordavam em opor-se às exorbitantes pretensões da razão, esta precisava ser despojada do poder absoluto que se havia atribuído durante séculos. Os deveres que a razão impôs ao homem no plano moral perdiam, para os surrealistas, toda justificação. Frente às leis da moral instituída, os surrealistas concordavam em formular reservas concretas, pretendiam liberar o homem mediante a poesia, o sonho e o apelo ao sobrenatural para promover uma nova ordem de valores. Viam com preocupação como a ciência manipula os desejos e as coisas, mas renuncia a habitá-las. A ciência para os surrealistas sempre foi esse pensamento admiravelmente ativo, engenhoso, desenvolto, que trata todo ser como objeto em geral, ignorando o sujeito da paixão. A ciência não reconhece que o sujeito apaixonado pode ser também sujeito do conhecimento. Assim descreve os afetos como se descreve a fauna e a flora, de um país distante, sem perceber que o homem está todo inteiro nas suas paixões. Por isso o apelo dos surrealistas à poesia.

A partir dessas coincidências surgem as divergências em torno dos meios para atingi-las.

De minha parte, pretendo retomar alguns dos caminhos abertos pelos surrealistas. Estou tentando com este manifesto fazer minha própria leitura do surrealismo, jogando nela toda minha experiência pedagógica. Quero fazer um exercício de adaptação da experiência surrealista como postura didática

para o ensino do Direito. Certamente os tempos são outros. Agora é preciso lutar contra o tipo de sensibilidade que vai ganhando o planeta com a consagração definitiva da cultura do capitalismo tardio. Por isso minha leitura dos textos surrealistas é feita a partir de minha própria versão do futuro de nossa cultura. Falo, então, do surrealismo tardio para mostrar como ele pode nos servir para a busca da afirmação da singularidade dentro de uma cultura que pretende vincular toda nossa sensibilidade às máquinas que inundam nosso cotidiano. O surrealismo tardio nos permitirá, assim, descobrir as paixões no interior das próprias paixões, para mudar a qualidade do afeto. Na cultura do capitalismo tardio a tendência é apresentar as paixões em forma difusa e homogênea para que elas possam ser consumidas como objetos. A racionalidade do mercado que traz em si a lógica da dominação dos sentimentos.

Nos seis meses em que redigi este manifesto, foi surgindo, quase automaticamente, um leque grande de interrogações sem respostas. À medida que fui avançando na leitura dos textos surrealistas, senti a necessidade de pesquisar vários temas e autores que me fizeram fugir dos objetivos que inicialmente me havia imposto. As leituras foram me dando uma certa clareza sobre algumas questões. Foi uma lucidez conquistada aos poucos. Por essa razão não de parecer redundantes, às vezes obsessivas, muitas das colocações apresentadas. Optei por não alterar a sequência em que as idéias foram, originariamente, expressadas para preservar, com isso, a força de sua espontaneidade. Estou apresentando um texto sincero e não um conjunto de afirmações com intenção de verdade. É um trabalho em contínuo desdobramento. Desta forma, estou sendo fiel ao espírito que precisa ter um manifesto.

Sintetizando minha aproximação ao surrealismo direi:

a) A procura de um novo modo de vida fundado na autonomia desejante dos homens, uma pragmática da singularidade humana, não pode concretizar-se senão pela busca da autonomia coletiva. Ninguém pode realizar um processo de emancipação, a produção autônoma de nossa singularidade, sem reconhecimento da dimensão política de nossos desejos. Vale dizer que nossos desejos estarão sempre reprimidos se os desejos dos outros se encontram determinados por fortes relações culturais totalitárias. Estamos falando do poder libertário dos desejos coletivos; dos desejos solidários, que se encaminham para a transformação radical de todos os papéis sociais e de todos os hábitos autoritários que permitem a produção institucional da subjetividade humana.

b) Porém, não existe uma prática coletiva emancipatória se não reconhecemos que o exercício autônomo de nossos desejos é também uma prática política fundamental. As macroexperiências libertárias precisam de microexperiências desejantes no cotidiano de cada um de nós. Precisamos entender que

viver a plenitude de nossas paixões faz da vida uma atividade política criadora. Não existe política sem criatividade. É a dimensão cotidiana da política como forma de resistência às formas totalitárias absolutas que vão modelando a cultura planetária da pós-modernidade. Nela, a tendência é induzir-nos à evasão.

Penso que a saída surrealista é ensinarmos a viver o presente através do amor, da poesia e do prazer, mergulhando na aventura criativa da superação do que é socialmente dado como obstáculo à nossa singularidade, à nossa autonomia e à dos outros. Posso dizer que só é possível assumir a transformação da vida social se assumirmos a nossa autonomia e a nossa criatividade. A dominação se caminha da criatividade para encontrar a força transformadora. A meu ver o surrealismo propõe fazer a revolução construindo a cultura de nossos sonhos, realizando nossas utopias. Creio que esta é a revolução viável na pós-modernidade. Não é possível mais pensar primeiro, e depois transformar a sociedade. O surrealismo mostra um caminho inverso que, particularmente, prefiro escolher. Para mudar a vida é preciso transformar, radicalmente, os papéis sociais que desempenhamos para esquecer nossos desejos. Esses papéis estão baseados numa concepção totalitária da vida. Devemos libertar-nos dessas amarrações dentre uma estratégia coletiva de transformação da vida, pela criatividade. O totalitarismo é a morte da criatividade. A democracia consiste em trazer as utopias para o presente, recriando-as incessantemente.

c) O surrealismo é um modo de dismantelar as formas de totalitarismo pelo reconhecimento das diferenças e dos outros como diferentes. O surrealismo é uma grande advertência contra o totalitarismo embutido nas reivindicações igualitárias, contra o totalitarismo do consenso e das semelhanças. Participar, igualitariamente, em crenças preestabelecidas é uma forma encoberta de totalitarismo. Reivindicar a necessidade de que todos sejam iguais é uma forma muito sutil de instaurar o controle. Sempre é mais fácil controlar um rebanho. A diferença é sempre uma ameaça, dificulta as estratégias do controlador.

Para ser diferente é preciso aprender a amar e ser criativo. A diferença se exercita no amor e na criatividade. Por essa razão o controle social se exercita sempre sobre nossos jeitos de amar e de criar. Sempre nos são ensinadas regras massificantes para que aprendamos a amar e a criar. Nós nos reconhecemos criativos e amorosos nas semelhanças, reconhecemo-nos nas univocidades totalitárias. Esse é, precisamente, o lado cruel da igualdade jurídica. A igualdade frente à lei não é só uma garantia contra o arbítrio, ela é também uma técnica de dominação, de freio à transformação da vida. Os outros não são nossos semelhantes, eles são nossos diferentes.

d) Creio que mediante o surrealismo pode mostrar-se que a política não tem lugares reservados. A cultura da pós-modernidade faz tudo para

despolitizar a maioria das relações sociais e assim manter o véu sobre o seu conteúdo totalitário. Um exemplo fundamental é o saber das ciências. Ele é, em sua forma totalitária de organização, tão importante, para a manutenção da sociedade pós-industrial, quanto as relações econômicas especificamente capitalistas. A ciência e o ensino contam com o imaginário despolitizado, que precisa ser visto como uma necessidade política das sociedades pós-modernas.

Não existem locais ideais da política. As vanguardas intelectuais, os partidos políticos, o Estado não são os donos do fazer político. A política está em todos os instantes do cotidiano de cada um de nós. Lutando pelos sonhos e pelos desejos se faz política, pois só teremos uma atitude política, estando totalmente disponíveis para a vida. Ninguém transforma a sociedade permanecendo igual. Apelando ao surrealismo pode desfazer-se uma concepção da política, que inventa pastores, cientistas, intelectuais, professores, políticos, governantes esclarecidos, para cuidar de um rebanho inerte e cheio de medo das ovelhas negras.

e) O surrealismo também permite repensar o ensino do direito e as formas tradicionais da pedagogia universitária. Esse é o objetivo central deste manifesto, escrito para questionar uma concepção da pedagogia vista como um processo de transmissão de uma reserva cultural que necessita ser aprendida, impedindo a expressão de toda criatividade das pessoas que se pretende "formar".

A pedagogia tradicional, baseada na angústia da perda, é um instrumento de controle apoiado no sufocamento da imaginação criativa. Nessa forma de ensino, toda criatividade será castigada.

Na pedagogia surrealista isso não acontece. Nela o fundamental será o desenvolvimento da criatividade, dos afetos e dos sonhos. E essa é a melhor profilaxia contra as formas totalitárias do saber.

Como é possível ensinar sem ser autoritário?

Devo confessar que esta pergunta me preocupa desde há muito tempo. Esbocei, com uma resposta que me conforma transitoriamente, a tese de que o docente é menos autoritário na medida em que vai conseguindo tornar ténues as fronteiras entre a pedagogia e a terapia, na medida em que ensina as pessoas a desenvolverem sua capacidade crítica, sua autonomia frente ao saber. O professor precisa mostrar ao aluno como empregar o saber para a formação de seu espírito autônomo. O professor precisa ajudar o aprendiz existencial a transformar o saber num sonho criativo e não deixá-lo com a passividade de uma vaca olhando o trem passar. Sempre me espantei quando via em meus alunos esse olhar de vaca. Era o sinal de que estava eu, sem querer, repetindo os gestos de alguns de meus mestres. O destino de um professor, que quer deixar de

ser autoritário, é muito simples, consiste em ter sempre presente que o fundamental que se deve mostrar ao aluno é a possibilidade de que ele mesmo deve ser o produtor de suas necessidades e dos meios para atingi-las, mostrando ao aluno que a felicidade está no prazer de tentar realizar os nossos sonhos.

Como dizia Bachelard, aprender deve significar desaprender o que aprendemos. Leio esta fórmula como a necessidade de aprender desaprendendo aquilo que nos ensinaram para tornar submisso nosso imaginário e para abolir nossa criatividade.

Através do surrealismo podemos entender que a erudição e o totalitarismo são parentes muito próximos. O surrealismo mostra que, para vencer, precisamos preferir a dúvida às certezas. Estas últimas desprezam as transformações e conduzem o homem para o imobilismo. O professor surrealista não é, necessariamente, um erudito, é simplesmente um artista, um ilusionista competente. Ama a magia e, por isso, é um criador. Mas ele não se deslumbra com os resultados de sua arte. Ele sabe que a magia depende dele. Se esperasse que os resultados dependessem de forças sobrenaturais, não seria nada competente. O ato mágico não surgiria. O efeito mágico do Papai Noel depende de que alguém vá às lojas comprar os presentes. Uma família onde todos esperam os presentes passará um Natal muito triste. Neste ponto discordo do surrealismo tradicional – não acredito no azar objetivo. Isso me cheira a jusnaturalismo.

Os juristas tradicionais diferem do professor surrealista na medida em que esperam encantados que se produzam os efeitos mágicos do Direito.

O professor surrealista aceita que conhecer é descobrir em cada um de nós a nossa identidade. Ele reconhece seu conhecimento a partir desse gesto, mas encontra sua identidade respeitando a dos outros, negando-se a ver neles espelhada sua erudição, a ser um prestidigitador que hipnotiza. Ele se esforça para que os alunos descubram o ato de criatividade que sustenta a magia de suas palavras. É muito diferente ficar encantado com a criatividade dos outros do que ter-lhes atribuído a posse de um saber inquestionável. Nisso reside o segredo da poesia. Nisso se diferencia da magia totalitária, de uma falsa criatividade à la Disney World.

Exercendo a criatividade, sobretudo a imaginação transformadora, o indivíduo poderá perceber o que há de autoritário, opressor e aberrante no comportamento dos outros e das instituições.

Mas esse professor surrealista deve cuidar para não ser guiado pela angústia e pelo medo dos alunos. Eles carregam em suas costas séculos de autoritarismo; podem passar a viver como parasitas da criatividade de um professor fetichizado. Amar a criatividade alheia é sempre uma forma de en-

tregar-se, incondicionalmente, à repressão. É uma forma de amor a um censor. Assim os argentinos aplaudem das arquibancadas a criatividade de Maradona para esquecer um recente genocídio e o impulso ao fracasso que ronda em torno de todos os seus sonhos transformadores.

f) O surrealismo junta-nos a nossas utopias para eliminar a contaminação totalitária que polui nosso cotidiano. O surrealismo tardio luta para eliminar a contaminação, que surge da tecnologia, que sustenta a cultura da pós-maternidade. Nesse ponto, Os objetivos do surrealismo tardio convergem com os objetivos da ecologia política.

Assim, o surrealismo tardio, impregnando-se de um certo espírito ecológico, reivindicará a necessidade de realizar uma política do cotidiano. Ecológicamente falando: o ato cotidiano de viver, visto como uma opção política que transforma o mundo.

A ecologia, ao preocupar-se pela melhoria integral das condições da vida, precisa fazer uma política libertária do cotidiano. Fazer essa política significa suprimir, terapeuticamente, os conteúdos totalitários que formam o tecido capilar dos modos instituídos de agir, sentir e pensar. Fazer a psicanálise desses conteúdos totalitários implica procurar na história de nossa cultura as crenças matrizes e os hábitos, a rede de marcos aberrantes que prepararam a cena totalitária da cultura pós-moderna.

Juntando a psicanálise ao surrealismo, procurar-se-ia a compreensão apaixonada dos conteúdos totalitários. Implicaria sua amplificação emocional, sua amplificação utópica; uma compreensão obtida fora dos lugares determinados pela organização lógica dos saberes científicos, no lugar das paixões.

Aparentemente, o maior perigo deste tipo de compreensão passa pela possibilidade de superdimensionar, de exagerar os caracteres negativos da cultura criticada. A paixão não tem medida.

Sua melhor virtude estaria na exaltação do prazer como elemento gerador da cultura. Assim estaremos sentindo o saber no lugar do prazer impulsionado pela paixão.

O surrealismo tende à conquista da emoção reveladora.

Isto é uma atitude pedagógica fundamental. Estaríamos diante das relações prazer-saber e paixão-saber, funcionando como foco de resistência frente ao exagerado predomínio da relação saber-poder e da relação saber-dever. A dicotomia entre o prazer e a paixão por um lado, e o dever por outro, marcaria as diferenças entre a produção democrática e a produção totalitária da cultura.

Na versão preliminar da *Ciência Jurídica e seus Dois Maridos* frisei essa dicotomia através de dois maridos de Dona Flor. A leitura que fiz desses dois

personagens de ficção me permitiram mostrar o conflito de Dona Flor como uma ambivalente necessidade de estabelecer seus vínculos afetivos simultaneamente no lugar do prazer e no lugar do dever. Vejo Vadinho como um indivíduo preocupado por exaltar o prazer como fonte de energia vital, e o Teodoro como personagem completamente determinado pelo dever, uma vítima dos componentes totalitários da cultura, uma vítima do poder. Ele seria um protótipo do homem reprimido. Vadinho seria, pelo contrário, o protótipo do homem que vive pela realização da espontaneidade.

O prazer é o melhor instrumento de realização da espontaneidade. O prazer é o melhor instrumento de realização da autonomia e da criatividade.

O grande fantasma que levantamos contra a realização do princípio do prazer passa por nosso medo da desordem. Tememos uma sociedade sem ordem. Esse medo facilita as formas totalitárias da cultura, as relações de dominação.

Quando o prazer comanda os atos da vida, isto não implica a falta de ordem, trata-se de um tipo diferente de ordenação. É uma ordem que provém das próprias necessidades e não como uma imposição externa.

A diferença da ordem imposta pelas formas culturais totalitárias e a ordem que organiza e possibilita a criatividade não dependem de nenhuma força alienante. Pode ser uma ordem não preestabelecida, pode ser uma ordem em permanente mutação emergindo sempre renovada pelos próprios atos de descoberta da autonomia individual e coletiva. Mas ela nunca será uma ordem que paralisa.

O surrealismo pode ensinar-nos a não ter medo da ordem que depende do novo. Ele pode mostrar-nos que uma ordem determinada por nossas necessidades de segurança permite a emergência de componentes culturais totalitários. Não existe democracia sem riscos. O totalitarismo pode estar oculto atrás de máscaras aparentemente encantadoras. Pensemos, por exemplo, no fascínio tecnológico que vai envolvendo a cultura na pós-modernidade.

Os grandes genocidas nos escandalizam. Mas nunca reparamos que nosso cotidiano está feito de uma infinita variedade de atos "microgenocidas". O surrealismo pretende revelá-los.

g) Examinando a liderança que Breton exerceu sobre o surrealismo, noto certos traços autoritários que me obrigam a posicionar-me sobre as possibilidades e os limites da liderança a partir de uma perspectiva surrealista. O que direi vale também em relação às funções de liderança na pedagogia.

Breton fala da liberdade criativa, mas a outorga sempre com restrições. Muitas vezes, ele cumpriu o papel de vigia da criatividade surrealista.

Liderar é uma questão que precisa ser pensada, no interior do surrealismo, como uma capacidade específica e transitória de operar como agente catalizador de certas necessidades alheias.

O líder surrealista é sempre descartável. Liderar é um ato de serviço, não de comando. É derivado do prazer de ajudar aos outros, não de possuí-los.

No surrealismo a liderança não nos conduz. O líder nunca é uma voz alienante. Ele é um eco catalizador e passageiro. É a liderança que não precisa saltar à vista. Não exige reconhecimento dos outros. Ela precisa ser exercida sem necessidade de ser percebida. É um guia que se dilui no grupo que orienta. Enfim, é a liderança que consegue diluir o comando narcista.

O líder surrealista deve orientar para que o homem possa encontrar o prazer de viver e reconhecer que seu corpo está feito de utopias que não precisa reprimir. Por isso ele nunca pode ser uma utopia substitutiva. Porque neste caso perdemos nossa potencialidade para exercer nossa própria paixão de viver, intensa e gostosamente.

O líder surrealista simplesmente influi nos outros realizando suas utopias interiores, pondo paixão na realização de seus próprios desejos. Isto é, no fundo, a liderança dos poetas que conseguiram superar as influências totalitárias do meio em que viviam.

h) A cultura oficial da pós-modernidade tende à supressão total das paixões. Com isso, ela elimina a política. Adormecendo as paixões, se assegura a reprodução de um sistema de dominação. Só os apaixonados contestam, protestam, procuram a transformação. As paixões não cegam; elas iluminam, utopicamente, o destino do ser apaixonado. A paixão é o alimento da liberdade. Não pode, portanto, existir uma pragmática da singularidade humana, sem seres apaixonados que a realizem. A paixão é o que nos diferencia dos seres inanimados, que simulam viver olhando, indiferentemente, o mundo à espera da morte. Só os seres apaixonados têm condições de procurar viver em liberdade, de procurar vencer as tiranias culturais. Os surrealistas tentaram viver assim. Mostraram o poder das utopias interiores.

A meu ver, o surrealismo é o modo de expressão poética das utopias interiores. Os surrealistas mostram-nas apaixonadamente. A cultura oficial interpreta as paixões surrealistas como um "excesso agressivo". Foi uma maneira de recuperar, ideologicamente, o surrealismo, amornando a ameaça de seu poder revolucionário.

De que adianta ter uma sociedade perfeitamente organizada se em seu interior as relações entre os homens perdem seu sentido, não existem mais?

Não importa a tecnologia, importa aprender a estar com os outros. A tecnologia constrói sociedades de homens impenetráveis.

Há pouco tempo assisti a um filme sobre a vida em Tóquio. Nele mostravam uma fábrica de bonecas do tamanho das crianças, feitas para que os velhos pudessem brincar nos parques, substituindo os netos que os ignoravam. As crianças preferiam os computadores à possibilidade de relacionar-se com seus avós: uma cena dramática do devir do mundo, uma amostra de um absurdo aceito como sensatez racional.

Na pós-modernidade, podemos registrar duas tendências em conflito: uma dependência da cultura oficial, a outra fortemente resistente a ela. A primeira tendência pode ser vista como paradigma de todas as submissões, de todos os compromissos com o *status quo* e os componentes totalitários do imaginário social instituído: uma dimensão cultural absolutamente presa ao poder e à lei de ferro da produção capitalista de bens e crenças. A segunda tendência caracteriza-se por uma intermitente procura da separação entre saber e poder. O saber ficando à deriva em relação ao poder; um saber na busca da autonomia do homem e de uma estratégia cognitiva predominantemente baseada numa "compreensão vivencial" da significação. Chamarei a primeira tendência de "pós-modernidade oficial" e a segunda de "pós-modernidade utópica". Esta última designa uma atitude que reivindica a possibilidade do homem de concretizar suas utopias interiores, evitando contabilizá-las como ilusões perdidas.

Penso que não podemos entender o sentido da pós-modernidade sem mergulhar na dialética conflitiva destas duas tendências.

O surrealismo tardio pretende inserir-se nesta dialética como expressão da pós-modernidade utópica.

Meu grande objetivo é tentar projetar as principais concepções da pós-modernidade utópica no campo do ensino do Direito.

Pode já se vislumbrar uma pálida tentativa de implementação de um projeto pedagógico consoante com o paradigma cultural da pós-modernidade oficial. É preciso, portanto, começar a gerar amplos focos de resistência, baseada na reiteração infinita de micro-afirmações individuais. A pós-modernidade não é o tempo das grandes e heróicas contestações. Em troca, ela precisa de um incessante devir da afirmação de nossa autonomia.

O surrealismo nasceu com uma interrogação aberta sobre a modernidade. O surrealismo tardio interroga a pós-modernidade.

Breton viveu o suficiente para perceber a necessidade de adequar o surrealismo aos novos acontecimentos da cultura. Numa entrevista ele afirmou que em sua juventude os espíritos estavam ameaçados de enquilosamento,

mas os jovens dos anos 50 têm seu espírito ameaçado de dissolução. E é precisamente nessa década que Lyotard fixa o início da pós-modernidade.

Na cultura da pós-modernidade a ameaça de dissolução é total. A energia atômica, cultural e produtiva pode levar-nos à aniquilação final. A cada dia o sentimento de estar ameaçado cresce. Espero que essa ameaça nos impulse a reagir e tenhamos a força suficiente como para gerar a energia das paixões. Ela nos pode devolver o equilíbrio vital.

Observando-se a cultura oficial da pós-modernidade, nota-se que existem muitos aspectos fortemente desgastados no consentimento universal. Os velhos acordos precisam ser revistos para produzir uma nova realidade humana. Caso contrário, a nova era será a idade da desumanização. Começamos a fazer a história do homem perdido.

Um homem perdido entre objetos personificados e erotizados. As coisas personificadas para que os homens fiquem coisificados, circulando socialmente como mercadorias.

O surrealismo tardio é uma instância de dúvida absoluta frente às formas de conhecimento e de ação imposta pela instituição social: Não se trata de um desejo alienante, não se trata de praticar a intolerância frente aos homens que aceitam os modos instituídos do pensamento. O surrealismo procura questioná-los como estratégia global para a afirmação de nossa autonomia. É impedir que a eficiência simbólica, que se está instaurando, torne nosso corpo obsoleto. Assim o surrealismo coloca a necessidade de redescobrir as significações do corpo negando aquelas outras significações que surgem contra ele.

Hoje existe um culto externo do corpo. Está na moda a ginástica do corpo. O surrealismo tardio se preocuparia mais com embelezar a significação do corpo, do que com suas formas.

Estamos diante de um novo paradigma de vida.

Uma questão crucial que deve ser dita: os espaços naturais, políticos, afetivos e poéticos não se conservam sem paixão, sem efervescências ou entusiasmos vitais. Hoje existem poucos sinais visíveis desse entusiasmo vital. O homem atual é passivo e melancólico, unicamente consegue ter entusiasmos superficiais e sem consciência histórica. Existe um desencanto profundo que vai preparando terreno para um totalitarismo sem retorno. Precisamos reinventar a paixão para evitar que uma sociedade melancólica se instale irreversivelmente. Apêlamos ao entusiasmo surrealista. Um sonho difícil. É o surrealismo desafiando nada menos que as estruturas básicas do Ocidente.

III

O desastre ecológico, o terrorismo, a síndrome da insuficiência imunológica, a dívida externa, a contaminação nuclear, a guerra nas estrelas, a violência nas cidades, uma multiplicidade incalculável de fantasmas alarmantes com que vivemos, cotidianamente, tentando esquecê-los, apelando ao hedonismo consumista. Assim, um andróide melancólico e assustado, junto com radiantes sedutores programados, realizam no consumo generalizado o estilo de vida niilista da sociedade pós-moderna. Uma ausência total de valores e de sentidos para a vida comanda a produção social da subjetividade. Dois tipos humanos que saturam sua existência com douradas informações, diversões e objetos. Eles se excitam no consumo desta trilogia de elementos que hiper-realizam o mundo transformando-o num espetáculo de passividades sem destino nem valores. O sujeito convertido num terminal de informações. O sujeito isolado dos outros pelas informações consumidas. Assim é a massa pós-moderna: uma indiferente e nebulosa somatória de homens em coma, movidos pelo efêmero prazer de um consumo pseudopersonalizado.

Pode observar-se uma enorme diferença com a massificação da modernidade. Ela dependia de uma força alienante que unificava os indivíduos em torno de algumas idéias-força, em torno de grandes promessas. Elas, agora, são substituídas pela participação – sem um vínculo com os outros – num grande espetáculo modelado pelo tecnoc consumo.

Na pós-modernidade o homem não precisa mais ser castrado pela violência. Basta bombardeá-lo com mensagens que excitam seus desejos condicionando-os para o consumo: os desejos do homem consumidos pelo prazer do consumo. As mensagens terminam seduzindo os homens. As imagens funcionando como simulacro envelhecido do mundo e especularização da vida. Os objetos e as imagens personificados. *Existe um homem cortado em dois pela informação, os objetos e as imagens.*

Paradoxalmente, o homem entrou no maravilhoso mundo da comunicação para ficar convertido num andróide frio e isolado. É o homem incomunicado pelos meios de comunicação. Nas ruas de Tóquio enormes telas de TV amplificam o mundo, fragmentando-o em mil imagens simultâneas. Elas não deixam perceber que existem na cidade outros homens que precisam conviver. Tóquio é a cidade paradigma da pós-modernidade. Nela um único sentido é estimulado: a visão. É um sentido trabalhado para que o homem aprenda a perceber as mensagens programadas. Nesse aprendizado os indivíduos ficam cegos, sem a possibilidade de perceberem o amor, a liberdade, a poesia e os outros homens.